

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO



**COMISSÃO TEMPORÁRIA DE ESTUDOS
SOBRE A CRIANÇA E O ADOLESCENTE**



DIÁRIO NACIONAL

País tem 18 mil crianças espancadas diariamente

BRASÍLIA — A Unicef divulgou ontem o relatório "Situação Mundial da Infância 2000". De acordo com o estudo, há 21 milhões de crianças brasileiras vítimas da pobreza. Esse índice é mais alto no Nordeste, cuja proporção aumenta em 60%. Outro alerta do relatório é que 18 mil meninos e meninas no Brasil são espancados diariamente, atingindo principalmente as meninas. O estudo registra "que o ciclo da violência é implacável". O relatório afirma ainda que as crianças vítimas de maus tratos têm mais chance de se tornar pais e mães que maltratam os filhos.

A Unicef registra ainda que o Brasil é destacado entre os países cuja distribuição de renda aponta uma das situações mais graves do mundo, ao lado do Panamá, Botswana, Quênia, Zâmbia e Costa do Marfim. Segundo o documento, os efeitos da má distribuição de renda atingem outros setores da sociedade, como por exemplo a educação. Cerca de 1,3 milhão de crianças brasileiras em idade escolar estão fora das salas de aula. Apesar dos números negativos, a Unicef afirma que o Brasil melhorou no ranking de mortalidade infantil, subindo um ponto na posição da lista. No entanto, ainda está ao lado de países pobres como Filipinas, Vietnã e Cazaquistão.

País tem 21 milhões de crianças miseráveis

Para Unicef, problemas da infância no País originam-se da má distribuição de renda

CHICO ARAÚJO
Especial para o Estado

BRASÍLIA – O Brasil tem 21 milhões de crianças – 35% das meninas e meninos – vivendo em lares onde a renda per capita é igual ou menor a meio salário mínimo. Esse índice sobe para 60% no Nordeste. Além disso, 120 mil crianças morrem anualmente antes de completar 1 ano de idade e outras 57 mil não sobrevivem à primeira semana de vida. Dezoito mil crianças são espancadas diariamente, mas apenas 2% dos casos são denunciados.

No País, 2,9 milhões de crianças com idades entre 5 e 14 anos estão trabalhando. Dos 10 aos 16 anos, são 5,7 milhões as que trabalham. Mesmo assim, há menos crianças trabalhando hoje do que há cinco anos. Esse quadro é traçado no relatório sobre a Situação Mundial da Infância 2000, divulgado ontem pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

Para o Unicef, são “dramáticos” os números da violência entre os jovens. O relatório revela que 67% das mortes de pessoas entre 15 e 24 anos foram causadas por acidentes de trânsito, homicídio e suicídio. Há 19 anos, a taxa era de 50%.

O documento – lançado todo fim de ano com dados do mundo inteiro – foi apresentado no Brasil pela representante do Unicef, Reiko Niimi. Para ela, os indicadores poderiam ser outros. “A má distribuição de ren-

da no País é a principal causa desses problemas”, avalia.

O presidente Fernando Henrique Cardoso informou ontem, por intermédio do seu porta-voz, Georges Lamazière, que os objetivos do Unicef são os mesmos do governo brasileiro. FHC, que ainda não leu o relatório do fundo, comentou que a pesquisa nacional de amostragem domiciliar feita pelo IBGE mostra melhoras de vários índices, como o do trabalho infantil. O presidente gostaria que os avanços andassem mais rápido. “É difícil, porque os problemas não são de agora e é preciso combater com determinação e melhorando, como vem sendo feito pouco a pouco”, disse o presidente, segundo o porta-voz.

Violência – Ao abordar o trabalho infantil, o relatório classifica como “violência” o fato de 5,7

milhões de crianças estarem trabalhando, e aponta os índices como “inaceitáveis para um País que é a nona economia mundial”. Um estudo da Universidade de São Paulo (USP) mostra que o País perde

entre 30% e 52% de seu Produto Interno Bruto (PIB), quando as crianças iniciam o trabalho precocemente.

Apesar dos números desfavoráveis, o Unicef diz que o Brasil conseguiu alguns avanços na última década, entre os quais a redução da mortalidade de 47,8 para 36,1 por mil crianças nascidas vivas.

Para Reiko Niimi, o Brasil pode chegar a um índice de 8 casos por mil. A erradicação da poliomielite e a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente são citadas como ganhos do Brasil na proteção dos direitos da criança.

Ao mesmo tempo, o Brasil permanece ao lado de países muito mais pobres, como as Filipinas, o Vietnã e o Casaquistão – todos empatados em 85.º lugar. Serra Leoa é campeã em taxa de mortalidade, com 316 casos por grupo de mil.

Na área de educação, o Unicef informa que houve diminuição de 6 pontos percentuais no número de crianças fora da escola, mas o País ainda tem 1,3 milhão de meninos e meninas sem estudar. Para o organismo, esse número é “inaceitável”.

O relatório destaca que o grande desafio para as crianças brasileiras que estão na escola é aprender e permanecer até o fim do curso. Em cada 100, um total de 41 não deve

terminar o ensino fundamental. As que conseguem concluí-lo gastam em média 10,4 anos em bancos de escolas, quando o esperado são oito anos. Das crianças brasileiras, apenas 8% freqüentam creches e 51% com idades entre 4 e 6 anos estão matriculadas na pré-escola. Segundo o Unicef, esse fato compromete a capacidade de aprendizado das crianças e, por isso, o Brasil precisa ampliar a cobertura nessa área.

O Brasil é classificado entre os países com pior distribuição de renda do mundo, ao lado do Panamá, Botsuana, Quênia, Zâmbia e Costa do Marfim. O Unicef cita o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, como exemplo no combate à pobreza.

PRESIDENTE
DESTACA
MELHORIA DE
ÍNDICES



Doenças, conflitos e pobreza são as principais ameaças aos jovens

De acordo com relatório, cinco crianças são infectadas pelo HIV a cada minuto

BRASÍLIA – Aids, conflitos armados, pobreza e a discriminação são hoje, segundo o relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), as principais ameaças à sobrevivência das crianças em vários países do mundo. Cinco jovens são contaminados pela aids a cada minuto, o que corresponde a 7 mil diariamente. Hoje, mais de 11 milhões de jovens (de 15 a 24 anos) são soropositivos. Em 1998, a aids matou 510 mil crianças menores de 15 anos.

De todas as pessoas com aids no mundo, 50% são mulheres e crianças.

As taxas de contaminação para meninas são de três a seis vezes mais altas do que para meninos. Na África, a aids matou 2 milhões, enquanto as guerras mataram 200 mil

pessoas. Em dez anos, os conflitos armados mataram 2 milhões de crianças e deixarão outros 6 milhões mutilados e feridos.

Em países como o Afeganistão, Angola, Etiópia, Bósnia-Herzegovina, Ruanda, Serra Leoa, Somália, Sudão e Colômbia, crianças foram forçadas a participar de conflitos armados como soldados, escravos do sexo ou carregadores. Na Colômbia, mais de 2 mil crianças menores de 15 anos foram recrutadas por organizações guerrilheiras e paramilitares.

A pobreza também desenha um cenário sombrio ao redor do mundo. Segundo o relatório do Unicef, nos últimos 20 anos, o número de pessoas vivendo na pobreza cresceu para mais de 1,2 bilhão, ou uma em cada cinco pessoas, englobando 750 milhões de crianças. Em razão desse quadro de pobreza, as crianças têm sua mão-de-obra explorada em atividades perigosas, vivem nas ruas e ingressam na prostituição. Na Rússia e no Leste Europeu, 120 milhões de pessoas – quase 30% da população da região – estão mergulhadas na pobreza.

Violações – Para o Unicef, o número de violações de direitos da criança que ocorre diariamente em todo o mundo é desconcertante. Entre essas violações, o relatório destaca desde atos de omissão, como não registrar nascimentos ou não garantir acesso a serviços básicos de saúde ou à escola primária, até abusos que ocorrem em conflitos

VIOLAÇÕES
DE DIREITOS
OCORREM
DIARIAMENTE

armados, trabalho forçado e exploração sexual.

Segundo o relatório do Unicef, mais de 30,5 mil meninos e meninas com menos de 5 anos morrem por dia por causas evitáveis, em função de os países não cumprirem suas obrigações morais e legais em relação aos direitos das crianças. O Unicef, no entanto, resalta que há dados positivos, como a quase erradicação da poliomielite no mundo e a redução, nos últimos dez anos, em 85% dos casos de sarampo e em 25% dos registros de tétano neonatal. (C.A.)

vivem em famílias com menos de meio mínimo 'per capita'

Brasil fica em 105º lugar e se iguala ao Vietnã no ranking de mortes até 5 anos

DANIELA FALCÃO
da Sucursal de Brasília

O Brasil vai entrar no ano 2000 com 21,1 milhões de menores de 18 anos vivendo em famílias com rendimento "per capita" mensal de até meio salário mínimo —35% do total nessa faixa etária. Mais da metade (53%) deles vive na região Nordeste.

O país conta ainda com 2,9 milhões de crianças de 5 a 14 anos que trabalham para complementar a renda familiar, o que o Unicef considera "uma violência".

O grande número de crianças vivendo abaixo da linha pobreza e a alta concentração de renda no país foram as principais críticas feitas ao Brasil pelo Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) em seu relatório anual "Situação Mundial da Infância", divulgado ontem em Brasília.

A organização destacou, porém, quatro conquistas feitas pelo Brasil desde 1990: a queda de seis pontos percentuais no número de crianças de 7 a 14 anos fora da escola, a queda dos índices de mortalidade infantil, a erradicação da poliomielite (em 89) e a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (em 90).

No relatório de 99, o Brasil subiu uma posição no ranking dos países com menor índice de mortalidade em menores de 5 anos, ocupando a 105ª posição.

"Quem mais sofre com a pobre-

za são as crianças. É a pobreza que as faz morrerem na primeira semana de vida, que as empurra para o trabalho precoce, que faz fracassarem nos estudos", afirma a japonesa Reiko Niimi, representante do Unicef no Brasil.

O país foi criticado por não oferecer educação infantil a todos: só 8% das crianças de 0 a 4 anos frequentam creche e só 51% de 4 a 6 anos vão à pré-escola.

"A falta de acesso à educação infantil compromete a capacidade de aprender da criança. Por isso, é urgente que o país aumente essa cobertura", alerta Niimi.

Apesar de elogiar os esforços do país, Niimi pondera que o Brasil poderia estar melhor posicionado no ranking (105º entre 191 países), uma vez que apresenta índices semelhantes a países muito mais pobres, como Filipinas, Vietnã e Cazaquistão.

O Vietnã, por exemplo, tem índice de mortalidade idêntico ao do Brasil: 42 crianças morrem antes de completar 5 anos para cada 1.000 nascidas vivas. Em 98, morriam 44 para cada 1.000 no Brasil.

Só que o PNB "per capita" do Vietnã equivale a 6,47% do brasileiro: US\$ 310 contra US\$ 4.790.

Apesar de destacar as quatro conquistas alcançadas pelo país em algumas áreas, Niimi fez ressalvas. "Ainda há muito o que fazer para transformarmos a nossa visão do século 21 em realidade. Todos os dias, as crianças brasilei-

ras ainda têm seus direitos violados. São vítimas de violências das mais diversas formas", disse.

O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem, por intermédio de seu porta-voz, Georges Lamazière, que não teve acesso ao relatório apresentado ontem, mas considera "que os objetivos do Unicef são os mesmos do governo brasileiro, que tem lutado muito para resolver os problemas" das desigualdades sociais entre crianças.

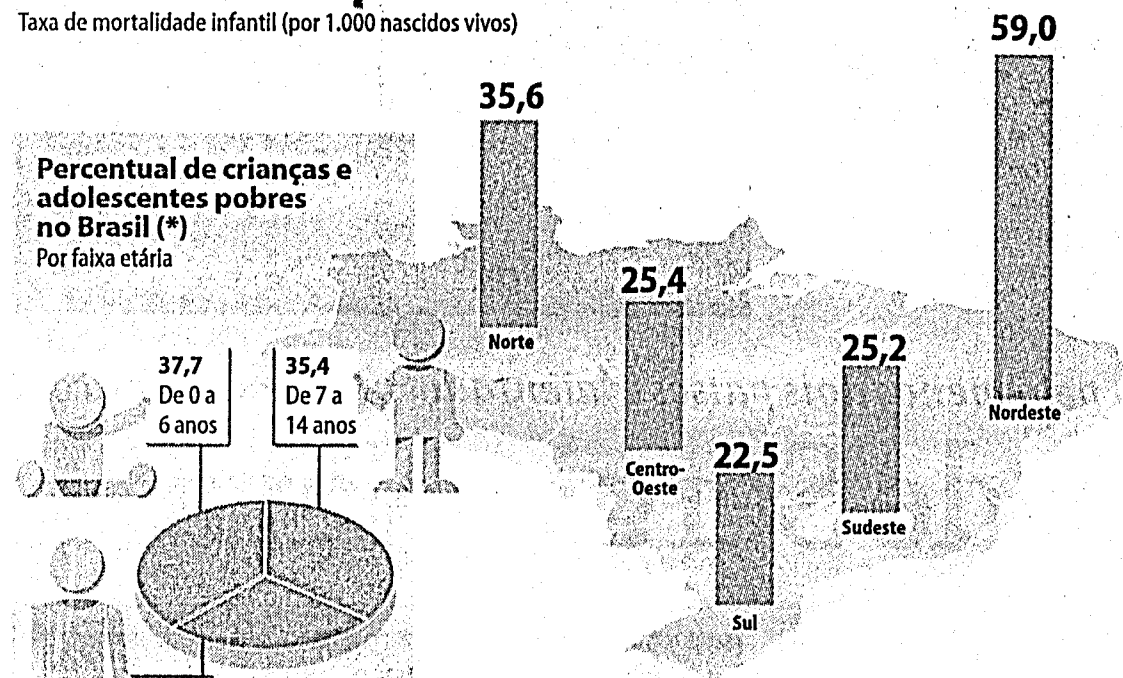
"O presidente gostaria também que esses avanços ocorressem mais depressa, mas é claro que eles são problemas difíceis de combater, pois não vêm de agora", afirmou Lamazière. "Para isso é preciso determinação e é o que vem acontecendo, apresentando melhoras pouco a pouco."



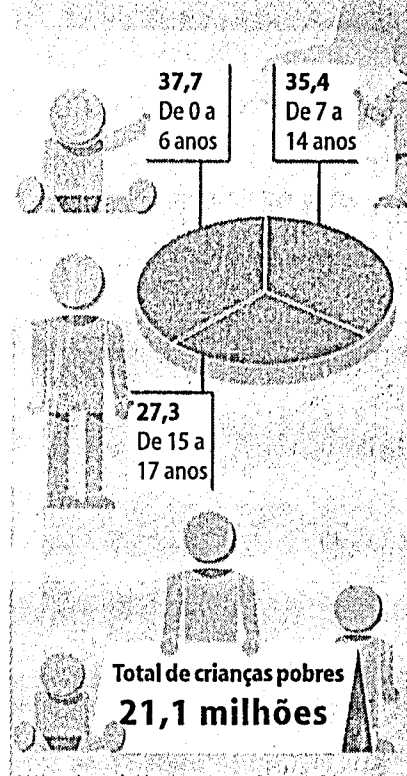
Editoria de Arte/Folha Imagem

Áreas críticas para a infância no Brasil

Taxa de mortalidade infantil (por 1.000 nascidos vivos)



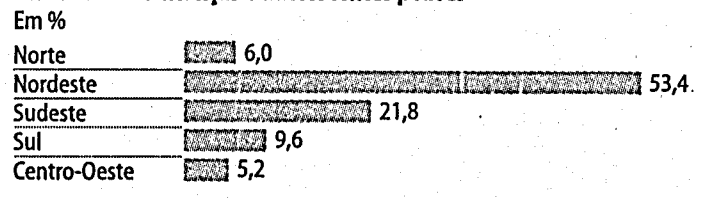
Percentual de crianças e adolescentes pobres no Brasil (*)
 Por faixa etária



Total de crianças pobres
 21,1 milhões

(*) Morando com famílias de rendimento "per capita" de até R\$ 68 (meio salário mínimo). Fonte: Ministério da Saúde/Inep/IBGE/Unicef, 1999

Onde estão as crianças e adolescentes pobres



Total de crianças e adolescentes pobres por região

Em %	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
De 0 a 6 anos	41,1	61,0	23,1	27,2	29,5
De 7 a 14 anos	39,3	60,0	19,6	23,6	27,2
De 15 a 17 anos	29,8	51,0	14,0	16,2	18,0



INFÂNCIA 24% dos brasileiros não têm água encanada;
problema dificulta o combate à diarreia e à subnutrição

Falta de saneamento impede melhora

da Sucursal de Brasília

O relatório do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) revela que crianças pobres também são privadas de saneamento básico — 24% da população brasileira vive sem água encanada e 30% não têm esgoto. Na zona rural, 75% das residências não têm água encanada.

A falta de saneamento básico compromete os esforços para a redução da mortalidade infantil, porque anula os efeitos das medidas adotadas para combater a diarreia, a principal causa de morte de bebês nas regiões carentes do país.

A utilização do soro caseiro — uma das principais armas para evitar a morte por diarreia — só traz os efeitos desejados se a água usada para fazer o soro for limpa.

O mesmo acontece com a distribuição de leite. Muitos Estados do Brasil fornecem leite em pó para crianças subnutridas porque temem que o leite natural estrague, já que poucos têm geladeira.

Se a água usada para preparar o

leite não for limpa, o esforço para combater a desnutrição é anulado porque a criança acaba adquirindo diarreia.

Abaixo da meta

A falta de acesso a água encanada e saneamento básico é um dos maiores empecilhos para que a redução dos índices de mortalidade infantil alcance o ritmo que havia sido planejado em 1990, durante a Cúpula Mundial em Favor da Infância.

Na ocasião, os países signatários se comprometeram a reduzir pela metade, até 2000, os índices de mortalidade infantil (em menores de 1 ano).

A mesma meta de redução foi estabelecida para a mortalidade em menores de 5 anos.

A taxa de mortalidade infantil no Brasil em 1990 era de 47,8 mortes para cada 1.000 nascidos vivos. No ano passado, a taxa de mortalidade infantil chegou a 36,1.

Apesar da redução expressiva obtida, para que a meta seja cumprida, o índice teria de chegar a 23,9 no ano que vem — possibili-

dade descartada pelo próprio governo federal.

A expectativa mais otimista do Ministério da Saúde é de que será possível chegar a 2000 com um índice de 32,9.

Nordeste

A falta de saneamento é mais crítica na zona rural da região Nordeste, onde vivem 11,3 milhões das crianças brasileiras que vivem em famílias cuja renda "per capita" mensal é inferior a meio salário mínimo (R\$ 68).

O índice de mortalidade infantil no Nordeste (59 óbitos para cada 1.000 nascidos vivos) é mais de duas vezes maior que as taxas das regiões Sudeste (25,2), Sul (22,5) e Centro-Oeste (25,4).

O índice de mortalidade infantil na região nordeste se equipara ao índice de mortalidade registrado nos países mais pobres da África e América do Sul.

Em Cabo Verde (África), por exemplo, a taxa de mortalidade infantil é de 54 para cada 1.000 nascidos vivos. Na Guiana (América do Sul), é de 58.



O ranking da mortalidade infantil no mundo

Entre menores de 5 anos por 1.000 nascidos vivos

Posição	País	Taxa	Posição	País	Taxa	Posição	País	Taxa
1º	Suécia	4	63º	Estônia	22	128º	Namíbia	74
1º	Noruega	4	63º	Argentina	22	128º	Kiribati	74
1º	Japão	4	67º	Tonga	23	131º	São Tomé e Príncipe	77
4º	Suíça	5	67º	São Vicente e Granadinas	23	132º	Guiana	79
4º	Eslovênia	5	67º	Maurício	23	133º	Gâmbia	82
4º	Cingapura	5	67º	Lituânia	23	134º	África do Sul	83
4º	Holanda	5	67º	Geórgia	23	135º	Bolívia	85
4º	Mônaco	5	67º	Fiji	23	136º	Maldivas	87
4º	Luxemburgo	5	67º	Romênia	24	137º	Zimbábue	89
4º	Coreia do Norte	5	73º	Micronésia	24	138º	Suazilândia	90
4º	Islândia	5	73º	Líbia	24	138º	Comores	90
4º	Alemanha	5	76º	Venezuela	25	140º	Ilhas Marshall	92
4º	França	5	76º	Rússia	25	141º	Nepal	100
4º	Finlândia	5	78º	Ilhas Salomão	26	142º	Índia	105
4º	Dinamarca	5	78º	Arábia Saudita	26	142º	Gana	105
4º	Áustria	5	80º	Macedônia	27	144º	Bangladesh	106
4º	Austrália	5	80º	Samoa Ocidental	27	145º	Congo	108
18º	Reino Unido	6	80º	Belarus	27	146º	Papua Nova Guiné	112
18º	Espanha	6	80º	Granada	28	146º	Eritréia	112
18º	San Marino	6	83º	Nauru	30	148º	Mianma	113
18º	Nova Zelândia	6	84º	Coréia do Sul	30	149º	Sudão	115
18º	Itália	6	84º	Ilhas Cook	30	150º	Laos	116
18º	Israel	6	84º	Colômbia	30	150º	Butão	116
18º	Rep. Tcheca	6	84º	Armênia	30	152º	Quênia	117
18º	Canadá	6	89º	Tunísia	32	153º	êmen	121
18º	Bélgica	6	89º	Síria	32	153º	Senegal	121
18º	Andorra	6	91º	Paraguai	33	155º	Iraque	125
28º	Malta	7	91º	Irã	33	156º	Haiti	130
28º	Irlanda	7	93º	Palau	34	157º	Uganda	134
28º	Grécia	7	93º	México	34	158º	Paquistão	136
31º	Estados Unidos	8	93º	El Salvador	34	158º	Lesoto	136
31º	Cuba	8	96º	Suriname	35	160º	Tanzânia	142
33º	Portugal	9	96º	Moldova	35	161º	Togo	144
33º	Chipre	9	96º	Líbano	35	161º	Gabão	144
33º	Croácia	9	99º	Jordânia	36	163º	Mongólia	150
33º	Brunei	9	100º	Tailândia	37	163º	Costa do Marfim	150
37º	Emirados Árabes Unidos	10	100º	São Cristóvão e Névis	37	165º	Camarões	153
37º	Eslováquia	10	100º	Albânia	37	166º	Djibuti	156
37º	Malásia	10	103º	Equador	39	167º	Madagascar	157
40º	Polônia	11	104º	Argélia	40	168º	Camboja	163
40º	Liechtenstein	11	105º	Vietnã	42	169º	Burkina Fasso	165
40º	Jamaica	11	105º	Turquia	42	169º	Benin	165
40º	Hungria	11	105º	Brasil	42	171º	Ruanda	170
44º	Chile	12	108º	Cazaquistão	43	172º	Guiné Equatorial	171
45º	Kuait	13	108º	Belize	43	173º	Etiópia	173
46º	Barbados	15	110º	Filipinas	44	173º	Rep. Centro-Africana	173
47º	Costa Rica	16	110º	Honduras	44	175º	Burundi	176
48º	Bulgária	17	112º	Azerbaijão	46	176º	Mauritânia	183
49º	Trinidad e Tobago	18	113º	China	47	177º	Nigéria	187
49º	Seychelles	18	114º	Nicarágua	48	178º	Guiné	197
49º	Catar	18	114º	Botsuana	48	179º	Chade	198
49º	Omã	18	116º	Vanuatu	49	180º	Zâmbia	202
53º	Uruguai	19	117º	República Dominicana	51	181º	Guiné-Bissau	205
53º	Sri Lanka	19	118º	Guatemala	52	182º	Moçambique	206
53º	Bósnia-Herzegovina	19	119º	Peru	54	183º	Congo	207
56º	Panamá	20	120º	Tuvalu	56	184º	Somália	211
56º	Dominica	20	120º	Indonésia	56	185º	Malawi	213
56º	Bahrein	20	122º	Uzbequistão	58	186º	Libéria	235
56º	Antíqua	20	123º	Quirquistão	66	187º	Mali	237
60º	Iugoslávia	21	124º	Egito	69	188º	Afeganistão	257
60º	Santa Lúcia	21	125º	Marrocos	70	189º	Níger	280
60º	Bahamas	21	126º	Turcomenistão	72	190º	Angola	292
63º	Ucrânia	22	127º	Cabo Verde	73	191º	Serra Leoa	316
63º	Letônia	22	128º	Tadjiquistão	74	-	Niue	s/d
						-	Santa Sé	s/d

Fonte: Unicef



Unicef destaca trabalho de Betinho

da Sucursal do Rio

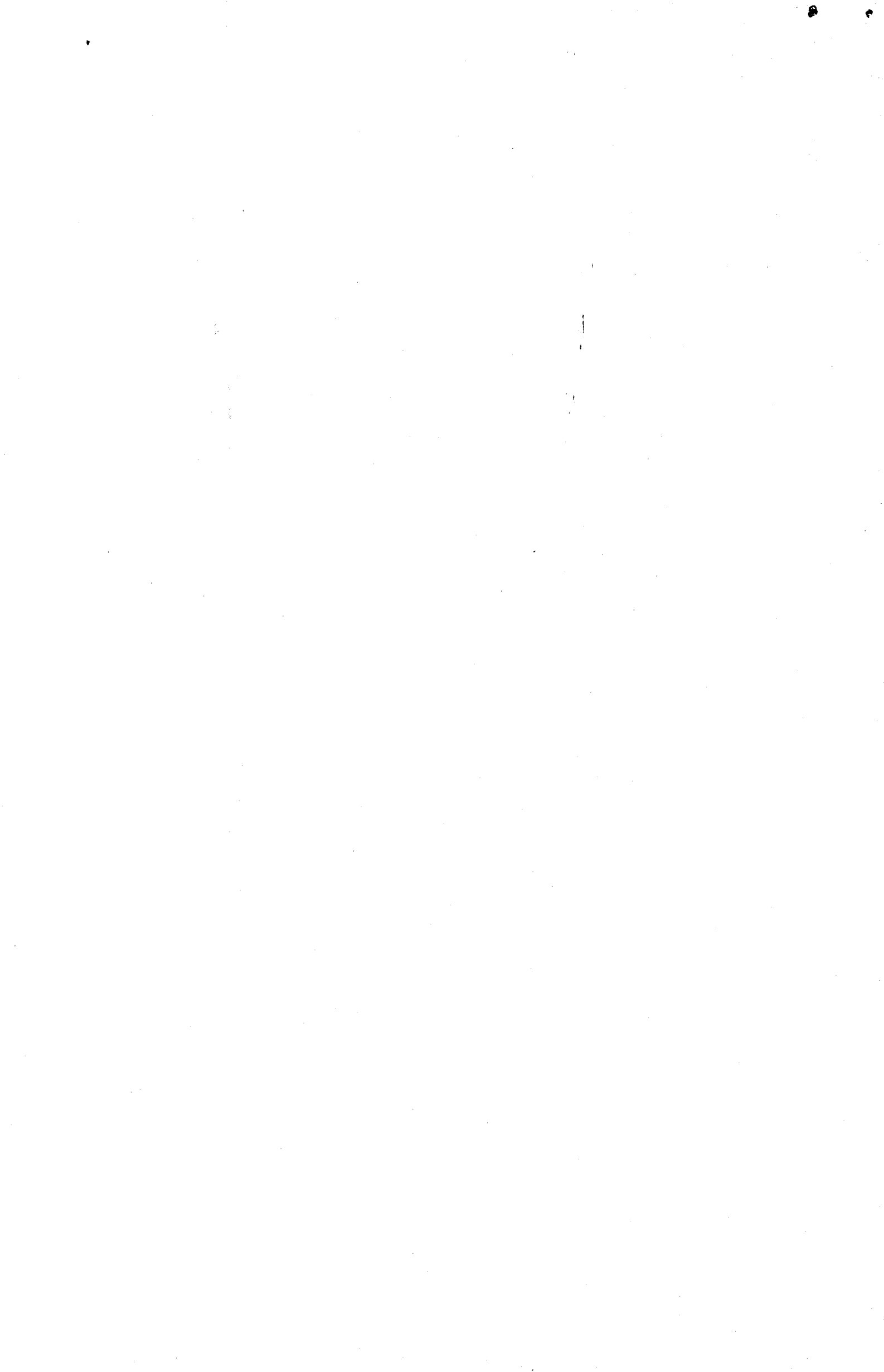
O sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, é o representante do Brasil na lista organizada pelo Unicef com 52 pessoas e entidades que se destacaram na luta pelos interesses da criança. A lista inclui Nelson Mandela e as Mães da Praça de Maio, por exemplo.

Betinho foi um dos fundadores

e principal inspirador do Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Socioeconômicas) como uma associação civil e autônoma, cujo objetivo principal, segundo seus integrantes, é a "radicalização da democracia". Com a morte de Betinho, em junho de 1997, a direção geral da entidade ficou com Cândido Grzybowski e Jaime Catalano, que ajudaram o sociólogo a

fundar o Ibase em 1981.

A erradicação da miséria, a defesa dos direitos de crianças e adolescentes, a democratização da terra, o apoio à reforma agrária e o combate ao racismo são seus objetivos. O Ibase sobrevive de doações de organizações do Brasil e do exterior. O restante da renda vem com a prestação de serviços de consultoria e pesquisas.



SAÚDE *Em uma década, índice de mortalidade infantil caiu de 30,9 para 17,9 em cada 1.000 bebês nascidos vivos*

SP reduz mortes, mas mantém diferenças

ALENCAR IZIDORO
da Reportagem Local

A cidade de São Paulo conseguiu reduzir os índices de mortalidade infantil nesta década, mas persistem as diferenças entre o número de crianças mortas em bairros de classes baixa e alta.

A cada 1.000 bebês nascidos vivos em 1998, 17,9 morreram antes de completar um ano—em 1990 esse número era de 30,9.

Mas o município tem regiões periféricas como Marsilac (zona sul) em que a marca atinge 44,25, enquanto em áreas nobres como Jardim Paulista (zona sudoeste), não passa de 6,46. Os dados são da Fundação Seade.

“Como no resto do país, São Paulo resolveu parte do problema social, melhorando as condições de vida de uma maneira geral. Mas o acompanhamento médico e as inovações tecnológicas continuam restritas a uma pequena parcela”, afirma Marcos Drumond, médico do Pró-Aim (órgão da Prefeitura de São Paulo de controle dos óbitos).

As áreas com os maiores coeficientes de mortalidade infantil são principalmente as zonas leste e sul da capital paulista.

Em bairros como Jardim Ângela (zona sul), São Miguel (zona leste) e Cidade Ademar (zona leste), a marca nunca é inferior a 20 mortos para cada 1.000 crianças nascidas vivas.

Em regiões nobres do municí-

pio, como Alto de Pinheiros (zona sudoeste), Moema (zona sudoeste) e Perdizes (zona noroeste), o índice não é superior a 10.

Segundo os dados da Fundação Seade, 48,5% das mortes infantis ocorrem na primeira semana de vida. É nesse período, conhecido como neonatal precoce, que, segundo Drumond, houve maior benefício para as crianças nascidas em bairros de classe alta durante esta década.

“De 1989 a 1998, a queda de mortalidade nesses casos foi de 34% em bairros nobres, em que o chefe de família tem maior grau de escolaridade. No outro extremo, das classes mais baixas, também houve redução, mas bem menor: de 23,4%.”

O médico atribui essa situação à melhora do atendimento médico e à evolução tecnológica nos convênios particulares, o que não ocorreu na rede pública.

“Antigamente se achava que os problemas de mortalidade até 28 dias após o nascimento não tinham como ser reduzidos, já que não envolviam problemas de condições sociais, mas do atendimento pré-natal, do parto e da assistência ao recém-nascido. Esses dados mostraram que isso não é verdade”, afirma Drumond.

Apesar disso, as causas perinatais, que acontecem imediatamente após o parto, são responsáveis por 56,5% da mortalidade de crianças antes de completar um ano.



Índices caem com líderes comunitários

da Reportagem Local

O índice de mortalidade infantil nas áreas em que atuam os líderes comunitários da Pastoral da Criança da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) é bem mais baixo que a média nacional divulgada pelo Unicef, apontando 36 crianças mortas (com menos de 1 ano) a cada 1.000 nascidas vivas.

O trabalho da pastoral atinge 3.186 municípios em todo o país. Nas regiões em que esses líderes orientam as gestantes e acompanham o desenvolvimento das crianças, o coeficiente de mortalidade infantil fica perto de 15.

Ou seja: enquanto, na média do país, a cada 1.000 nascidos vivos, 36 morrem antes de completar 1 ano, nas áreas em que eles atuam,

os mortos não costumam passar de 15. Os dados são de 98.

A atuação da pastoral, coordenada pela pediatra Zilda Arns, começou há 16 anos. Mas os números que apontam a redução da mortalidade infantil existem desde 1991.

Naquele ano, o índice nas regiões da pastoral era de 38 crianças mortas (antes de completar um ano) por 1.000 nascidas vivas. Baixou para 15 no ano passado.

De janeiro a setembro de 1999, a pastoral gastou cerca de R\$ 11 milhões em seu trabalho. Mais de 70% dessa verba veio do Ministério da Saúde.

Os 124 mil líderes comunitários levam às gestantes de áreas periféricas informações como cuidados com a gravidez e com as condições de higiene. Em muitos casos,

segundo Arns, prestam um atendimento médico inexistente na região. "O tempo que se demora para chegar até um hospital pode ser fatal para a criança", afirma.

A falta de contato com a comunidade é um dos motivos para os altos índices de mortalidade infantil no Brasil, de acordo com a coordenadora da pastoral.

Dados da entidade mostram que as causas perinatais (nos períodos imediatamente anterior e posterior ao parto) representam 24% das mortes de crianças atendidas pelos líderes comunitários. Em outras regiões, esse motivo é responsável por 50% das mortes.

"Falta atendimento e acompanhamento médico. Cuidar da alimentação da gestante e aproximá-la do sistema de saúde evita esse tipo de morte", diz Arns. (A1)

Educação infantil é criticada pelo Unicef

da Sucursal de Brasília

O número de alunos matriculados na educação infantil vem se mantendo praticamente inalterado no país desde 97. Apenas 51% das crianças de 4 a 6 anos frequentam turmas de pré-escola.

Enquanto o ensino fundamental (da 1ª à 8ª série) ganhou 1,94 milhão de alunos nos últimos dois anos, a educação infantil perdeu 61,9 mil alunos.

A falta de atenção dada à educação de crianças de 4 a 6 anos no Brasil foi uma das principais críticas feitas ao país pela representante do Unicef no Brasil, Reiko Niimi.

"Mesmo que estejam saudáveis, as crianças brasileiras na faixa etária de 0 a 6 anos dificilmente serão estimuladas integralmente, o que

é fundamental para que elas cresçam bem", diz Niimi.

Segundo pesquisa do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) citada pelo Unicef, crianças de baixa renda que tenham dois anos de educação infantil possuem, ao se tornarem adultas, poder de compra 18% maior do que as que não frequentaram a pré-escola.

A pesquisa também mostra que crianças que passaram pela pré-escola repetem menos e estão menos propensas a abandonar os estudos no ensino fundamental.

As prefeituras, que são as responsáveis por manter pré-escolas e creches de acordo com a Constituição, afirmam que não conseguem ampliar a oferta na educação infantil porque também têm de cuidar do ensino fundamental.

Neste ano, 66% dos 4,2 milhões de alunos matriculados na educação infantil estudaram em escolas municipais. As escolas particulares ficam com 24,8% dos alunos e as estaduais, com 8,9%.

Os prefeitos reclamam que, com a criação do Fundef (fundo de valorização do magistério) em 97, foram obrigados a destinar 15% de seus orçamentos para o ensino fundamental e ficaram sem recursos para investir na educação infantil.

"Os governos estaduais deixaram de oferecer vagas na pré-escola e as prefeituras estão assumindo sozinhas a responsabilidade de cuidar do ensino fundamental e da educação infantil", diz Neroalto P. de Azevedo, presidente da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação.



Publicado no FOLHA DE S. PAULO
de 14/12/99 pag 3-4
conferido _____

(10)

Marlene Bergamo/Folha Imagem



Crianças dormem durante o dia em calçada da av. São João, centro de SP; mortalidade infantil é maior entre os mais pobres



Pobreza e violência ameaçam crianças

■ Unicef alerta para gravidade do problema no país

RENATA GIRALDI

BRASÍLIA – A situação das crianças e adolescentes brasileiros é comparada a de países africanos quando o tema é a má distribuição de renda. Pelo menos 35% dos menores vivem em famílias cuja renda mensal é menor do que R\$ 68,00 (meio salário mínimo). No caso da violência a situação também é considerada grave, uma vez que aproximadamente 18 mil meninos e meninas apanham diariamente. Os dados foram revelados ontem durante a divulgação do relatório anual *Situação Mundial da Infância 2000*, elaborado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

Apesar da classificação “grave” para as questões relacionadas à distribuição de renda e à violência, o relatório elogia os avanços promovidos no país. O Brasil subiu um ponto, passando de 86º lugar para 85º no ranking de mortalidade infantil, no qual são registrados 42 crianças (com menos de idade) mortas em cada grupo de mil. Mas continua acompanhando países pobres, como Turquia e Filipinas e bem atrás do Japão, Noruega e Sué-

cia, onde morrem somente quatro crianças em cada mil.

Desrespeito – O Unicef alerta que há direitos básicos das crianças brasileiras que têm sido frequentemente desrespeitados. Um dos exemplos envolve os 2,9 milhões de meninas e meninos de cinco a 14 anos que são obrigados a trabalhar para contribuir com a renda da família, mesmo com a lei que determina que a idade mínima para começar a trabalhar é de 16 anos. “Isso é uma violência. Índices inaceitáveis para um país que é a 9ª economia mundial”, disse a representante do fundo no Brasil, Reiko Niimi, repetindo palavras do relatório de 120 páginas.

Outra advertência da organização é que de cada dez crianças nascidas no país, duas não são registradas. De acordo com o relatório, existem cerca de quatro milhões de meninos e meninas que não têm certidão de nascimento no Brasil. Na lista do desrespeito aos direitos básicos, o Fundo das Nações Unidas para Infância indicou o fato de 28,8% das crianças e adolescentes não terem acesso ao abastecimento adequado de água. A falta de água potável e de esgoto provoca doenças como diarreia e pneumonia.

Segundo o documento, o esforço do governo, por intermédio do Programa Toda Criança na

Escola, não conseguiu resolver o problema de 1,3 milhão de meninos e meninas que continuam fora das salas de aula. A situação é considerada de alerta se avaliados que há apenas 8% matriculados em creches. O relatório reitera a necessidade de promover a educação infantil com o objetivo de diminuir os índices de repetência e de evasão no ensino fundamental (de 1ª a 8ª séries) e, também de incentivar as opções de lazer e esporte.

Méritos – O empenho de organizações não-governamentais e do próprio governo serve de referência para o relatório. Nele, são destacados programas sociais que têm melhorado as condições de várias comunidades, como o *Núcleos Radicais*, de Brasília, no qual 150 estudantes de escolas públicas têm acesso a atividades de esportes e lazer.

O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que os problemas que afligem a criança brasileira, apontados pelo relatório do Unicef, serão resolvidos “pouco a pouco” pelo governo brasileiro. Através de seu porta-voz, Georges Lamazière, o presidente disse que não teve acesso e nem tempo de ler o relatório, mas “obviamente” os objetivos do órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) são os mesmos do governo brasileiro.



Etiópia - Arquivo JB



Segundo o Unicef, a pobreza absoluta atinge um em cada cinco países do mundo, impedindo o acesso a conquistas básicas

Aids contamina 8,5 mil por dia

BRASÍLIA – Por dia, cerca de 8,5 mil crianças e jovens são contaminados com o vírus HIV em todo mundo. Esses números são mais alarmantes nos países asiáticos e africanos. Só na África, calcula-se que 200 mil pessoas morreram no ano passado, em decorrência das complicações provocadas pela AIDS. Os dados fizeram com que o Unicef dedicasse ao assunto três capítulos do relatório *Situação Mundial da Infância 2000*, divulgado ontem.

O campeão em contaminação do vírus no mundo é a Zâmbia, localizado no sudeste asiático, cuja população é de 77,9 milhões de habitantes. Na Zâmbia, uma em cada cinco pessoas (considera-se também crianças e adolescentes) é HIV positiva. Aproximadamente 360 mil crianças ficaram órfãs nos últimos

anos depois de perderem o pai ou a mãe por causa da AIDS. Na tentativa de mudar a situação, o governo com ajuda externa gasta US\$ 8,32 por dia no tratamento com cada paciente. Também são realizados programas educativos e orientações por intermédio de clínicas de saúde.

O Fundo das Nações Unidas para Infância fez um balanço geral sobre o contágio da AIDS no mundo. De acordo com o estudo, cinco jovens são contaminados a cada minuto. Aproximadamente a metade do grupo contaminado é formado por mulheres e meninas, a taxa em alguns países chega a ser de até seis vezes mais alta comparando a contaminação feminina e a masculina.

No relatório, o Unicef ressaltou a relação entre o contágio, a pobreza e a falta de instrução. De acordo com o estudo, em 35 países anali-

sados, havia uma probabilidade cinco vezes maior de pessoas não instruídas se contaminarem com o vírus, tanto homens como mulheres, do que aquelas com escolaridade pós-primária. Também era mais provável que pessoas sem instrução acreditassem que não há maneira de evitar o vírus. Um outro alerta se refere a países como Botsuana, Namíbia e Zimbábue (todos na África) cuja expectativa de vida caiu consideravelmente nos últimos 30 anos – desde a descoberta do vírus da AIDS. Na ausência da doença, a expectativa era ultrapassar 69 anos entre 2000 e 2005, hoje, a previsão geral é de 41 anos.

O documento do Unicef reúne vários depoimentos sobre vítimas de AIDS. Uma delas, o estudante Wisner, de 17, da Zâmbia, timidamente contou sobre as difi-

que passou a ter depois de perder a mãe com a doença. Morando com a avó, que cria outros seis netos, cujas mães também morreram em consequência de complicações do vírus HIV, Wisner parou de estudar porque não dispunha de condições para pagar as taxas da escola. “Se puder voltar para escola, eu poderia ter esperança”, disse ele. “A vida tem sido muito difícil desde que minha mãe morreu”, completou.

Situação semelhante vive Maxwell, de 12 anos, descalço e vestindo roupas rasgadas. Com a morte dos pais, passou a morar no orfanato de Nganula, na Zâmbia. “Quando meu pai estava vivo, eu tinha sapatos e roupas decentes. Agora, as outras crianças dão risadas das minhas roupas”, contou ele, afirmando ainda que é comum passar dias sem ter o que comer. (R.C.)



Publicado no Jornal do Brasil
de 14/12/99 pag 14
conferido _____

Marcelo Regua – 20/10/93



O relatório do Unicef diz que é inaceitável que o Brasil, a 9ª economia do mundo, mantenha 2,9 milhões de crianças trabalhando

Um apelo aos líderes mundiais

BRASÍLIA – O Unicef aproveitou a divulgação do relatório *Situação Mundial da Infância 2000* para alertar os líderes mundiais para que dêem prioridade à criança e à mulher no próximo milênio. Depois de concluir que a maior parte dos 193 países analisados sofre com problemas conseqüentes da pobreza, da discriminação e da violência, a organização apelou para que as autoridades centralizem seus esforços na tentativa de mudar a atual situação.

O documento advertiu ainda para o que chamou de “preço da guerra”, efeitos das batalhas sob as crianças. Só nos anos 90, mais de dois milhões de meninos e meninas foram mortos em guerras, outros seis milhões ficaram incapacitados enquanto um milhão de crianças ficaram órfãs. Entre os refugiados, há mais de 15 milhões de crianças. De acordo com o documento, não é

possível saber o número de meninos e meninas com traumas psicológicos em decorrência das guerras.

O Unicef ressaltou que, apesar do fenômeno da globalização, a pobreza atinge um em cada cinco países. O dado provoca o desrespeito permanente a direitos básicos como educação, saúde, acesso à água potável e esgoto, além de segurança. A situação se agrava ao envolver meninas, já que em países da Ásia Meridional, como a Índia, as

mulheres exercem papel de subserviência. Cálculo da organização indica que há 20 milhões de crianças em situação de servidão na Índia, trabalhando em fábrica de cigarros, de tijolos e em teares de algodão.

“O melhor começo possível para crianças em seus primeiros anos de vida é uma educação básica de qualidade para todos, e apoio e orientação para adolescentes durante a delicada transição para vida adulta”, diz o relatório. Mais

adiante, completa: “E é também um apelo para que as pessoas realizem um novo mundo em apenas uma geração: uma visão compartilhada de crianças e mulheres – e, sem dúvida, de toda a humanidade –, livres da pobreza, da discriminação, da violência e das doenças”.

No relatório de 120 páginas, que tem na sua introdução um texto do secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, são citados exemplos internacionais de projetos que visam reverter a situação crítica que vivem as crianças de vários países. Um dos exemplos ocorre na África do Sul, onde por 50 anos houve um regime de segregação racial. Agora há um programa, misto de creche com parque, para preencher o tempo livre das crianças por meio de aulas e brincadeiras educativas sem discriminação entre brancos e negros. (R.G.)

O PREÇO DA GUERRA

Vítimas infantis de conflitos armados na década de 90:

- Mais de 2 milhões de crianças mortas
- Mais de 6 milhões de crianças feridas ou permanentemente incapacitadas
- Mais de 1 milhão de crianças órfãs ou separadas de suas famílias
- Mais de 15 milhões de crianças refugiadas e desabrigadas em seu próprio país



Integrantes da Comissão

Vereador Rubens Calvo – Presidente da comissão

Vereadora Ana Martins

Vereadora Ana Maria Quadros

Vereador Ítalo Cardoso

Vereador Éder Jofre

Vereador Edivaldo Estima

Vereador Antonio Goulart

Vereador Miguel Colasuonno

Vereador Nelson Proença

Vereador Gilson Barreto

